

**PEDRO E PAULA, DE HELDER MACEDO: A CONSTRUÇÃO DA  
PERSONAGEM FEMININA SOB O VIÉS DO DIALOGISMO**

Giovana dos Santos LOPES<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente estudo tem como objetivo, a partir do conceito de diálogo, de Mikhail Bakhtin, estudar como se apresenta o jogo de vozes masculinas e femininas, com a finalidade de se compreender o processo de construção da personagem Paula. Para obter esse entendimento, temos a intenção de verificar o aspecto sociológico, de acordo com a abordagem apresentada por Pierre Bourdieu, bem como investigar se a representação feminina da personagem implica, ou não, em uma crítica à sociedade portuguesa, e desvendar as características no que se refere a crítica sociológica, por meio dos elementos apresentados pela narrativa.

**ABSTRACT:** The present study has as objective, from the concept of dialogue, from Mikhail Bakhtin, to study how it presents the game of masculine and feminine voices with the purpose to understand the process of construction of the personage Paula. To get this understanding, we intend to verify this aspect according to sociological boarding presented by Pierre Bourdieu, as well as investigating if the feminine representation of the personage implies, or not, in a critical to the Portuguese society, and unmask the characteristics, with respect to critical sociological, by means of the elements presented for the narrative.

## 1. JUSTIFICATIVAS

O Projeto *Pedro e Paula, de Helder Macedo: a construção da personagem feminina, sob o viés do dialogismo* tem como ponto de partida um vínculo, mesmo que limitado, com a monografia de conclusão do curso de Letras – *Medéias: a caracterização da personagem feminina em Eurípedes e Sêneca* – desenvolvida pela autora, a qual se baseou nos estudos sobre a personagem feminina que integra a narrativa.

O interesse pela imagem no texto que nos propusemos a estudar provém do fato de que se depreende das obras do autor uma diversidade de personagens do sexo feminino, e da constatação de que não há estudos ligados à construção desse gênero de personagem sob a análise dialógica.

Helder Macedo, natural da República Sul-Africana, passou sua infância em Moçambique, e parte da juventude em Portugal. Vive há cerca de 40 anos em Londres, onde regeu a cátedra **Camões** no King's College. Além de romancista é também poeta, crítico e investigador literário. Obteve consagração em romance após a edição de *Pedro e Paula*, em 1998, embora já usufrísse a mesma condição como poeta e ensaísta. Também é autor de *Vesperal* (1957), *Partes de África* (1991), *Viagem de Inverno* (1994), *Vícios e Virtudes* (2000) e *Sem Nome* (2004).

Seus romances apresentam conteúdos que remetem à família, à cultura portuguesa, à história colonialista, bem como à peregrinação, desenvolvidas sob o aspecto instigante

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá.

de seus personagens, destacando-se sempre grandiosa influência de uma personagem feminina central.

Com base nesse aspecto, a estrutura de *Pedro e Paula* relacionada com o meio social é evidenciada, levando-se em conta a busca de suas personagens pela auto-realização e pelos valores humanos, tão evidentes na sociedade da época em que a narrativa acontece.

As marcas apresentadas pelo texto permitem, por meio do conjunto de vozes masculinas e femininas, mais possibilidade de investigações da construção da personagem Paula.

Outrora reprimida pelo pai e o irmão, ela passa por uma transformação ideológica, conquistando a liberdade após ter passado por migrações, o que remete, metaforicamente, à condição da sociedade portuguesa em período salazarista para a busca de uma inovação determinada e libertária.

Embora já existam trabalhos respeitáveis sobre o autor, acreditamos que se tornam bastante válidas pesquisas a respeito de sua produção sob o viés pelo qual optamos.

Diante dessas considerações, com o propósito de um estudo mais aprofundado sobre a narrativa deste autor, suscitam-se alguns objetivos dos quais verificaremos a seguir.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo geral**

A partir do conceito de diálogo, de Mikhail Bakhtin, estudar como se apresenta o jogo de vozes masculinas e femininas com a finalidade de compreender o processo de construção da personagem Paula, em *Pedro e Paula*, e suas possíveis implicações para a produção de sentidos possibilitados pela narrativa.

### **2.2. Objetivos específicos**

Para obtermos uma compreensão da construção da personagem feminina por meio do dialogismo, proposto por Bakhtin, pretendemos desenvolver os seguintes tópicos: Verificar por meio do jogo de vozes das personagens, como é abordado o masculino/feminino, neste romance, segundo a abordagem sociológica apresentada por Pierre Bourdieu (2005); verificar se a representação feminina da personagem implica, ou não, numa crítica à sociedade portuguesa e desvendar as características, no que se refere a crítica sociológica.

## **3. BREVE REVISÃO DA LITERATURA**

A presente pesquisa fundamentar-se-á, basicamente, na construção da personagem feminina Paula, no romance *Pedro e Paula*, de Helder Macedo, segundo a crítica sociológica, desenvolvida ao modo proposto por Mikhail Bakhtin.

Em geral, a crítica sociológica é aquela que verifica o fenômeno da literatura como parte de uma sociedade, uma cultura. Ela defende que é o texto que carrega as marcas da sociedade, pois sua criação foi realizada em meio a um contexto que emite idéias, valores e características.

Reportando-se ao texto literário, a crítica sociológica não o verifica como independente, ou seja, não é criado a partir da vontade e da inspiração do autor, ele é criado dentro de um contexto, numa determinada língua, numa determinada época, segundo uma determinada ideologia; portanto ele carrega em si as marcas desse texto.

Segundo a leitura da crítica sociológica, um romance deve fazer uma ponte estética entre realidade social, coletiva e representação artística.

A esse respeito a literatura não seria um sistema, mas sim uma expressão humana participante na formação do homem e influenciada por uma certa função psicológica, constatada, também, como uma necessidade universal.

Nesse caso, o indivíduo passaria por um processo de descoberta, por intensa atividade crítica, cabendo a ele, unicamente, aceitar ou não a sua identificação com a obra a partir de seu contexto.

Sendo assim, a função da crítica literária é, por meio da obra, incitar o leitor à análise da sociedade em que vive.

De acordo com Silva (apud Bonnici; Zolin, 2003, p. 124), é preciso que “[...] cada leitor comece a observar o mundo que nos cerca e perceba, aos poucos, que os nossos hábitos, crenças e valores não surgiram “naturalmente”, nem são “eternos”.

Em relação a essas idéias-chave da crítica sociológica, verificamos a importância do estudo sobre Mikhail Bakhtin, nesta pesquisa, pois ele valoriza justamente a fala, a enunciação, e afirma sua natureza social, não individual: a fala está indissoluvelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais.

Segundo Bakhtin (1998), o romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais. E é graças ao plurilingüismo social e ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance orchestra todos os seus temas, todo seu mundo semântico, figurativo e expressivo.

Bakhtin (1997) atribui conceitos importantes à crítica sociológica, como o dialogismo, que remete a polifonia e a carnavalização. O dialogismo se opõe ao monólogo, pois interage com o leitor; as personagens possuem voz ativa, e em vista disso o leitor torna-se representante de sua sociedade. Para ele, o autor cria a obra já com a noção de que esse representante irá discordar de suas idéias, podendo ou não incorporá-las.

A polifonia é co-integrante do dialogismo, pois as personagens criadas não concordam com o narrador, o que faz com que o autor organize o texto de forma com que o leitor possa criar a hipótese de que há uma variante de pensamento dentro da obra, e, por consequência disso, ele pode obter definições próprias.

A carnavalização consiste na sátira ou crítica ao poder do tradicional, do formal. Também é um recurso que remete ao dialogismo, pois insere o leitor à alteridade.

Para Bakhtin (1998) é necessário ultrapassar a dicotomia positivismo/idealismo de que os estudos lingüísticos foram (e são) tributários, ele mostra que nem o “subjativismo abstrato” nem o “subjativismo idealista” conseguem aprender a linguagem em sua realidade viva.

Para tanto, o modo de existência da linguagem é o dialogismo, pois em cada texto, em cada enunciado, em cada palavra ressoam duas vozes: a do *eu* e a do *outro*.

Seria essa palavra a mediadora entre o individual e o social, “[...] *ela (a palavra) está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*”. (BAKHTIN, 1981, p. 95).

Pensar na linguagem enquanto função dialética, segundo Bakhtin, seria empregar à língua um caráter social, ou seja, ver a palavra integrada a um processo contínuo: “A estrutura da enunciação e da atividade mental a exprimir são de natureza social”. (BAKHTIN, 1981, p. 122).

Desse modo, verificamos que o dialogismo seria uma pluralidade de vozes, não somente o leitor faria parte desse diálogo quando interage com o romance, mas também o autor quando escreve imaginando um interlocutor, assim como as personagens que dialogam entre si. Estas possuem voz que não é somente ligada às idéias e valores de um determinado indivíduo, mas sim a uma instituição, ou seja, elas representam uma determinada instituição permeada por suas características sociais:

O discurso do autor, os discursos dos narradores, os gêneros intercalados, os discursos das personagens não passam de unidades básicas de composição com a ajuda das quais o plurilingüismo se introduz no romance. Cada um deles admite uma variedade de vozes sociais e de diferentes ligações e correlações (sempre dialogadas em maior ou menor grau). (BAKHTIN 1998: 74-75).

Quando Bakhtin (1981) se refere ao “discurso de outrem”, relaciona o diálogo com uma investigação mais profunda das formas usadas na citação do discurso, uma vez que essas formas refletem tendências básicas e constantes da recepção ativa do “discurso de outras pessoas”, carregadas de ideologia, vivências e historicidade. Essa recepção é fundamental para o diálogo, uma vez que todo indivíduo que dialoga traz em si marcas e influências, e é por meio dessas que também irá buscar subsídios no discurso que o outro oferece.

Em *Pedro e Paula*, temos as vozes masculinas representadas por José e Pedro, pai e irmão de Paula, respectivamente; carregadas de autoritarismo e preconceito, frutos de uma ideologia dominante em que a sociedade, no romance, é inserida.

Uma das vozes femininas, Ana, a mãe de Paula, projeta na filha aquilo que almejava e não conseguiu, ou seja, resistir a essa ideologia dominante que lhe foi imposta, como mulher e esposa.

O romance mostra essa pluralidade de vozes, sobretudo, Paula, que traz consigo as marcas dessa violência produzidas pela ideologia, mas resiste a tal autoritarismo, sobressaindo-se ao seu tempo.

É nisso que Bakhtin (1981) sustenta seu pensamento; para ele a retificação do homem é levada por forças externas ao indivíduo, que agem sobre ele de fora e de dentro, sujeitando-os às mais variadas formas de violência – econômica, política e ideológica; essa violência só pode ser enfrentada por outras formas de violência, inclusive a violência revolucionária, e o objetivo de tudo isso é o indivíduo, o que provoca a maior estratificação social e o maior número de conflitos da história da sociedade humana, gerando vozes e consciências que resistem a tal redução.

Concomitante com esse pensamento de que homens e mulheres trazem consigo as marcas de uma ideologia dominante, e que podem e, devem resistir a isso, utilizando

também o discurso, citamos Pierre Bourdieu (2005) que atribui a violência simbólica no campo social. Ele consiste em admitir que existem no mundo social estruturas objetivas que podem dirigir, ou melhor, coagir a ação e a representação dos indivíduos, dos chamados agentes.

No entanto, tais estruturas são construídas socialmente, assim como os esquemas de ação e pensamento, chamados por Bourdieu de *habitus*.

O momento objetivo e subjetivo das relações sociais está numa relação dialética. Existem realmente as estruturas objetivas que coagem as representações e ações dos agentes, mas estes, por sua vez, na sua cotidianidade, podem transformar ou conservar tais estruturas, ou almejar a tanto.

A verdade da interação nunca está totalmente expressa na maneira como ela se nos apresenta imediatamente. Uma das mais importantes questões na obra de Bourdieu (2005) se centraliza na análise de como os agentes incorporam a estrutura social, ao mesmo tempo que a produzem, legitimam e reproduzem.

Em *A dominação masculina* (2005), Bourdieu mostra, sob uma perspectiva sociológica, como as instituições - família, igreja, escola, Estado - ainda estão calcadas e presentes no inconsciente coletivo no que se refere ao patriarcalismo como ideologia dominante.

E para tanto é que correlacionamos o pensamento de Bourdieu ao de Bakhtin, no que se refere à análise de *Pedro e Paula*, em que o enredo é permeado por personagens femininas e masculinas que dialogam entre si, e que se apresentam incorporados aos valores dessa ideologia, como já mencionamos anteriormente.

Ambos teóricos verificam o que subjaz às “vozes” representadas pelos indivíduos, ou seja, as instituições que representam, e como podem libertar-se desses universos sociais individualizados e conflituosos, criando assim, os múltiplos planos e as múltiplas vozes da existência.

#### 4. METODOLOGIA

A proposta de pesquisa para *Pedro e Paula*, no que tange a linha pós-estruturalista, é justamente evidenciada pelo contexto da obra ser diretamente ligado ao meio social, pelo enredo, pelos personagens, pela pluralidade de vozes que há na narrativa.

No que se refere ao tipo de pesquisa, usaremos, primeiramente, a pesquisa exploratória, pois espera-se obter esclarecimentos sobre o tema, isto é, a construção da personagem feminina Paula sob o jogo de vozes das personagens femininas e masculinas, por meio do dialogismo, pautadas numa investigação mais ampla que proporcionará o esclarecimento de conceitos e idéias verificadas em análise de levantamento bibliográfico.

Em seguida, partiremos para a pesquisa descritiva, pois verificaremos as características de um romance, o diálogo entre suas personagens, a relação com o masculino/feminino e a sociedade, de forma que tais questões poderão resultar em possíveis variáveis para se obter um resultado de estudo mais profundo.

Para tanto, faz-se necessária a escolha de uma abordagem específica. A abordagem qualitativa trabalha com valores, atitudes, crenças, que são particulares a indivíduos e grupos. É empregada para avaliar o alto grau de complexidade interna que caracteriza

um fenômeno, por isso, geralmente é indutiva, pois a pesquisa desenvolve-se por meio de idéias e conceitos adquiridos pelos dados verificados.

Partiremos da leitura de obras de conteúdo estético-crítico que tratam da teoria literária, da crítica sociológica e da construção da personagem feminina, representadas por Bakhtin e Bourdieu, além de outras que privilegiem a literatura portuguesa.

Utilizando esse arcabouço teórico, a análise do corpus será realizada sob os possíveis focos de estudo: 1) como se apresenta a construção da personagem feminina Paula, por meio do jogo de vozes masculinas/femininas, esculpidas no dialogismo e suas possíveis implicações; 2) como interagem as noções de masculino e feminino, representadas pelas personagens; e 3) como o autor utiliza essa construção, nos “espaços em branco”, para remeter uma crítica à sociedade portuguesa.

No final, tentaremos estabelecer possíveis conexões entre as teorias utilizadas e sua aplicação na análise do corpus, buscando evidenciar as relações entre obra e sociedade, por meio da construção da personagem feminina, na narrativa *Pedro e Paula*, de Helder Macedo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AGUIAR E SILVA, V. M. (1979). *Teoria da literatura*. 3ª edição. Coimbra: Livraria Almedina.
- BAKHTIN, M. (1981). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- \_\_\_\_\_. (1997). *Problemas da poética de Dostoievski*. 2ª edição. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Forense Universitária.
- \_\_\_\_\_. (1998). *Questões de Literatura e de Estética (A teoria do Romance)*. São Paulo: Unesp.
- BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (orgs.) (2003). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem.
- BOURDIEU, P. (2005). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BOURNEUF, R.; OUELLET, R. (1976). *O universo do Romance*. Tradução de José Carlos Seabra. Coimbra: Almedina.
- CANDIDO, A. (1972). “A literatura e a formação do homem”, in: *Ciência e Cultura*, v. 24, nº. 9, pp. 803-809.
- \_\_\_\_\_. (1976). *A personagem de ficção*. São Paulo: Respectiva.
- \_\_\_\_\_. (1985). *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 3ª edição. São Paulo: Nacional.
- COMPAGNON, A. (1999). *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG.
- CULLER, J. (1999). *Teoria literária: uma introdução*. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca.
- DUBBY, G.; PERROT, M. (orgs.) (1999). *História das Mulheres no Ocidente*. Vols. 1 e 4. Porto: Afrontamento.
- GIL, A. C. (2006). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- HOLLANDA, H. B. (org.) (1994). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.
- HOLQUIST, M. (1991). *Dialogism: Bakhtin and his Word*. Londres; Nova York: Routledge.
- ISER, W. (1996). *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol.1. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34.
- LEGADINADOLA, E.; SHAPOSHNIKOVA, A. (1975). *O papel da mulher na solução do problema feminino nos países socialistas*. Lisboa: Prelo.
- MACEDO, H. (1998). *Pedro e Paula*. Rio de Janeiro: Record.
- MOISÉS, M. (1968). *A literatura portuguesa*. Cultrix: São Paulo.
- ROSALDO, M. Z.; LAMPHERE, L. (1983). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Graal.
- SCHINAIDERMAN, B. (1983). *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoievski e Bakhtin*. São Paulo: Duas Cidades.
- ZILBERMAN, R. (2002). *Fim dos livros, fim dos leitores?* São Paulo: Senac.
- ZOLIN, L. (2003). *Desconstruindo a Opressão*. Maringá: Eduem.